

Entrevista - Jefferson Peres

Peres, Jefferson (sm)

“A sociedade perdeu as ilusões”

MAGNO MARTINS
Agência Nordeste

Uma das lideranças mais sóbrias da oposição, quase venerado como inatingível no campo moral, o senador Jefferson Peres (PDT-AM) quer enfrentar Lula nas urnas desfaldando a bandeira da ética. “Há um grande anseio, hoje, por ética, por moralidade pública. Acho que encarno esse perfil”, disse o senador amazonense, nesta entrevista concedida na última terça-feira, em seu gabinete, em Brasília. Para ele, o escândalo do mensalão levou junto o último mito – Lula e o PT como salvadores da pátria, como éticos. O senador diz, ainda, que o efeito da crise nacional é tão perverso na sociedade brasileira que o povo perdeu completamente o elã pela política, o entusiasmo pelo País. “O eleitorado vai assistir de camarote à batalha eleitoral, sem entusiasmo, sem se apaixonar”, constata o senador e pré-candidato pedetista ao Planalto, para acrescentar: “A sociedade perdeu as ilusões. A paixão pela política morreu no Brasil”. Mesmo tão pessimista, o senador não subestima a capacidade eleitoral de Lula e constata que, dependendo do cenário daqui a seis meses, ele pode ser um candidato ainda muito forte. Peres acha que Lula ainda não sofreu processo de impeachment por causa de sua história. “No imaginário popular, Lula ainda não deixou de ser um líder”, admite.

Qual a avaliação do senhor da extensão da crise que atinge o governo Lula e as instituições?

É uma crise prolongada, profunda, mas não creio em muitas consequências maléficas, porque parece que as instituições democráticas estão consolidadas. Tanto que, em nenhum momento alguém percebeu riscos de ruptura institucional. Isso está fora de discussão na classe política e nas Forças Armadas.

A economia não começa a ser atingida?

Não houve impacto maior, pelo menos até aqui, na economia – o que prova, por outro lado, o avanço do Brasil. O sistema produtivo se descola do Estado, do governo e caminha com as próprias pernas. Isso, algumas décadas atrás, nos remetia a uma ameaça de golpe militar, por um lado – e por outro a economia estaria em recessão. Nenhuma coisa nem outra aconteceram. Quer dizer, o País já está maduro para absorver a crise.

A crise atingiu mais o governo ou o PT?

Ambos, mas acho que o último mito se foi: Lula e o PT como salvadores, como éticos. Não existe mais diferença entre os partidos, todos se nivelaram perante a sociedade, que perdeu as ilusões e a inocência, talvez. Não acredita mais em salvadores e isso é muito bom.

O povo perdeu a esperança?

Perder a esperança é ruim, mas acho que ela vai ser recuperada de forma mais madura, não esperando que venha um taumaturgo capaz de, da noite para o dia, fazer milagres no País. A esperança pode ser recuperada em pessoas responsáveis que possam ser capazes de fazer melhor do que outras. Não haverá mais, eu creio, arrebatamentos, paixões. A paixão política morreu no Brasil.

Isso é ruim para o País?

É ruim por um lado e bom por outro. É ruim porque pode levar a uma apatia, uma indiferença em relação à política, mas é bom, por outro lado, porque as pessoas não irão mais se iludir por ninguém, não vão mais esperar muito dos políticos. Isso é uma prova de maturidade também.

Lula já esteve mais forte em seu projeto de reeleição?

Há um ano, Lula era imbatível. Depois, num segundo mo-

mento, passou a ter a reeleição como provável – e agora a reeleição é apenas possível. É uma incógnita, vai depender de muitos fatores. Ele não está derrotado. Dizer que Lula é uma carta fora do baralho é um tremendo engano. Ele ainda é um forte candidato e as chances dele vão aumentar ou diminuir dependendo de alguns fatores, como o aprofundamento da crise política, se houver revelações que o atinjam. Temos ainda o desempenho da economia, que será, sem dúvida, levado muito em conta pela população. Não sabemos como estará a economia daqui a dez meses. Vamos ter uma polarização PT x PSDB ou podemos ter o surgimento de uma candidatura nova, diferenciada.

O senhor já enxerga dentro desse cenário o antiLula?

O Serra pode encarnar o antiLula com a seguinte situação peculiar: os decepcionados com Lula não são nostálgicos do tucanato, ou seja, ele é o antiLula que também não empolga no apaixonado. Aliás, não sei se alguém vai se apaixonar mais. Teremos uma eleição com trocas de acusações muito fortes, mas não creio que seja capaz de apaixonar novamente o povo brasileiro. Acho que o eleitorado vai assistir de camarote a batalha, sem, entretanto, se empolgar, se envolver, se apaixonar.

“Acho que o último mito se foi: Lula e o PT como salvadores, como éticos. Não existe mais diferença entre os partidos”

Teremos, então, um eleitorado apático?

Não diria apatia, que é um termo muito forte, mas com indiferença, como espectadores céticos.

Se o presidente não tivesse a história de vida que tem já teria sido cassado?

Se tivéssemos um outro presidente aí, que não o Lula, com certeza o processo de impeachment já teria sido deflagrado no Congresso. Por que isso não acontece com Lula? Porque ele tem, em primeiro lugar, uma grande parcela da população ao seu lado e a que está decepcionada, boa parte não tem ódio dele. Está decepcionada, magoada, sentida, mas não clamando pela sua saída. Por que isso acontece? No imaginário popular, Lula não deixou de ser um líder, ele é um símbolo do homem do povo que ascende. De certa forma, as pessoas pobres se projetam nele. A derrocada de Lula é a derrocada deles próprios. Talvez eles pensem isso no íntimo, algo não racionalizado por eles. Se o Lula fracassar



ROOSEWELT PINHEIRO/ABR

é uma prova de que as pessoas pobres ou não intelectualizadas não têm capacidade. Isso é até uma interpretação errônea, porque uma coisa não tem nada a ver com outra. O fracasso de Lula é o fracasso de todos iguais a ele. No sentimento popular talvez o povo pense assim: o fracasso de Lula é o meu fracasso. É isso que protege Lula de uma rejeição bem maior.

Brizola está fazendo falta neste momento conturbado que vive o Brasil?

Se o Brizola estivesse entre nós ele estaria deitando e rolando. Estaria dizendo naquele seu linguajar: “Bem que avisei, nunca me iludi muito com essa gente”. E isso, na verdade, estaria fazendo um efeito muito grande. Mas não creio, sinceramente, que isso desse chance ao Brizola de se eleger presidente. Ele seria, talvez, um grande cabo eleitoral.

O que mais traumatizou o senhor diante desse enorme escândalo?

Nenhum fato determinado. Foi tudo, a ruptura do PT com o seu compromisso ético do qual eu não duvidava. Convivi quatro anos no governo Fernando Henrique e quatro na oposição e sempre tinha concordância total com o PT. A minha impressão deles aqui no Senado, especialmente Eduardo Suplicy e José Eduardo Dutra, era a melhor possível. Pensei que o partido fosse todo assim como eles, comprometidos com a ética e a moralidade pública. Se o PT tivesse fracassado na economia, feito bobagens, não me surpreenderia, porque tinha medo que fizessem algo errado. Agora, enveredar pela corrupção, nunca imaginava. Não importa se não foi uma corrupção em benefício pessoal ou enriquecimento ilícito para beneficiar o partido. Corrupção é corrupção. Não se justificam os meios. Isso me chocou muito.

E o senhor acredita no envolvi-

mento direto do presidente?

Sim, ele sabe tudo, ele sempre comandou o PT. Depoimentos de pessoas como Hélio Bicudo e outros petistas históricos e idôneos confirmam que Lula comandava, sabia de tudo. Ele evitava confronto, ficava de fora, mas sabia de tudo.

A cassação de José Dirceu foi justa?

De certa forma, contentou em parte a sede da sociedade por uma resposta do Congresso. Pela história de luta dele, pelo seu passado, pela sua trajetória, a punição representa muito aos olhos da sociedade. Se ele ficasse impune seria um desastre para o Congresso. Agora, virão mais meia dúzia de cassados.

Alguém escapa?

Vejo poucas chances, porque já se firmou jurisprudência. José Dirceu firmou jurisprudência. Quem se beneficiou do “valerioduto” não escapa da cassação. Não encontraram provas contra Dirceu, mas como ele era tido como o comandante do “valerioduto”, foi cassado. Imagine quem se beneficiou diretamente do escândalo, sacando nas contas de Marcos Valério? Não escapa ninguém.

Qual o impacto do escândalo nas eleições do ano que vem?

O resultado é imprevisível, mas creio que o eleitorado vai ser muito mais seletivo, uma parcela, não nos iludamos, porque ainda existem os dois Brasis – a dualidade básica da sociedade brasileira continua. O Brasil dos excluídos, dos desinformados, daqueles que lutam só pela sobrevivência não têm noção de cidadania nem de política. Mas, o Brasil incluído, esse eu acho que vai ser mais seletivo.

E o PT vai pagar um preço por

tudo que fez?

Esse vai, com certeza. Derrotado ou não o presidente Lula, o PT vai diminuir, a sua bancada vai encolher na Câmara, no Senado, nos governos estaduais e nas assembleias legislativas. E mais: se o Lula for eleito, vai ter muitas dificuldades para governar. Ele não é mais um ícone, não é mais respeitado por grande parte da sociedade brasileira, principalmente pelos formadores de opinião. Com o PT reduzido no Congresso, com uma base de aliados inconfiáveis, fisiológicos, uma oposição acirradíssima, que não vai dar trégua a ele, o Lula vai penar. E tenho certeza que será candidato à reeleição, até para tentar se redimir. Acho, entretanto, que vai cometer um erro, porque, das duas uma: ou sai derrotado ou ganha e não leva. Fará, assim, um governo muito mais difícil do que este.

O senhor é candidato a presidente?

Depende do PDT. Não vou articular minha candidatura, correr os estados pedindo os votos dos convencionais. Coloquei meu nome. Se o PDT achar que sou um nome, aceito o desafio, com muito prazer, porque gostaria de me consolidar como uma alternativa a essa bipolaridade. Se o partido optar por outro nome, não vou ficar choramingando.

Fala-se também em Alceu Colares e Cristovam Buarque. Eles são páreo para o senhor?

O Alceu Colares já disse que está fora, mas surgiu um outro nome que é o governador de Alagoas, Ronaldo Lessa.

Por que não fazer prévias para escolha do candidato?

Vamos discutir isso numa reunião do diretório nacional, no Rio. Já coloquei meu no-

me para o partido, vou reiterar nessa reunião e ver como será a forma da escolha do candidato. Não sei o que faremos. Podem ser prévias ou uma consulta às bancadas estaduais e aos diretórios estaduais. Também podemos adotar como critério as pesquisas eleitorais. O PDT não tem essa experiência, porque o Brizola era inquestionável. O partido vai ter candidato ao Planalto? Vai ser o Brizola.

Como candidato, o senhor vai abraçar as velhas bandeiras de Brizola?

Não, a reestatização das empresas privatizadas não tem mais cabimento. Não teria porque sair por aí hostilizando o FMI, porque não tem mais acordo com o FMI. Não se pode mais fazer aquele modelo protecionista, porque qual é a grande diferença? O Brasil está no mundo globalizado, o Brasil é parte da OMC, que não permite mais elevar tarifas protecionistas, porque sofre sanções das próprias organizações e dos outros. O Brasil é parte do Mercosul, não pode agir sozinho no plano internacional adotando políticas de salvaguardas sem consultar os parceiros. Quando o Brizola, enfim, foi governador e tomou todas aquelas medidas de nacionalização, o mundo era outro, ele podia fazer isso. Vamos estatizar hoje o quê? Nada, não há setores estatizáveis. Não estou dizendo que o Brizola estava errado. Estou dizendo que o contexto era outro.

O senador Cristovam Buarque entrou no PDT com a expectativa de ser candidato a presidente. Com sua candidatura, ele não pode se sentir traído?

Ele nunca recebeu compromisso ou a promessa de ninguém. Ele próprio reconhece isso. Num encontro recente em Belo Horizonte ele disse de público que “antigamente” é posto. Ele é um recém-vindo, eu sou mais antigo do que ele na legenda e ele próprio reconhece que isso pesa na escolha. Então, de forma nenhuma ele vai se sentir traído. Um pouco desapontado, talvez, no máximo.

Há espaço no País para uma candidatura presidencial do perfil do senhor?

Há um grande anseio, hoje, por ética, por moralidade pública. Acho que encarno bem esse perfil. Sei que isso não basta, é condição necessária, não suficiente. Eu teria que passar para o eleitorado confiança de que seria capaz de executar um programa de governo, um programa de governo. Teria que apresentar uma proposta de governo que parecesse consistentes aos olhos da população. Na hipótese de ser candidato, não sei se vou conseguir passar isso. A população brasileira me encararia como uma pessoa incorruptível, não tenho nenhuma dúvida disso. Mas, se me verá como uma pessoa capaz de fazer um bom governo, não sei.

Que planos o senhor teria para o Nordeste?

O substitutivo que está aqui no Senado sobre a nova Sudene tem o meu apoio, porque acho que é muito bom. A transposição, me desculpem os estados que são favoráveis, mas entendo que tem que ser precedida de um projeto de revitalização. Fazer a transposição com um rio moribundo como está hoje o São Francisco acho uma temeridade. Nunca naveguei no São Francisco, mas conheço sua realidade porque sou um leitor voraz dos problemas brasileiros.